

Notas de Pesquisa

O “campeão do Centenário”: *raça* e nação no futebol paulista

The “Centenary champion”: Race and nation in São Paulo soccer

Petrônio Domingues¹

pjdomingues@yahoo.com.br

No dia 28 de julho de 1929, o jornal da “imprensa negra” *Progresso* publicou uma matéria na qual definia a Associação Atlética São Geraldo como “uma das agremiações mais respeitadas de São Paulo” no tocante à prática do futebol. Tanto seus “quadros principais” como “secundários” vinham se empenhando em “jogos de valor”, cuja “vitória lhes seria difícil se os onze [jogadores] que possuíam na sua vanguarda não fossem mestres na sua posição”. Segundo o periódico, “de há muito que o São Geraldo se impôs nos meios esportivos de Piratininga”. Os seus duelos, em tempos no campo do Pacaembu, teriam marcado tardes cujas “recordações os anos não conseguiram esquecer”. Dali para cá, os “anais esportivos vivem cheios, não só da disciplina, com a qual se caracteriza a associação da Rua Vitorino Camilo, como com as derrotas que o São Geraldo inflige nos seus denodados antagonistas”. Em 1922, nas comemorações alusivas ao centenário da independência do Brasil, o “clubes que bem representa os pretos da capital e do Estado de São Paulo ocupou capítulo à parte”, destacou o jornal. Com muita valentia, o São Geraldo “conquistou o disputado título de campeão do Centenário”, o que “honrava sobremaneira” os editores do *Progresso* (*Progresso*, 28/07/1929, p. 5).²

Como é possível entrever, o São Geraldo foi uma importante, se não a mais notável, agremiação dos “pretos” de São Paulo dedicada à prática do futebol nas primeiras décadas do século XX. Sua principal especificidade residia na cor de seus jogadores. Todos eram negros (“pretos” ou “pardos”, para utilizarmos as categorias de classificação racial do IBGE na atualidade). A finalidade destas notas de pesquisa é reconstituir alguns aspectos da história do São Geraldo, abordando sobretudo a conquista da Taça do Centenário, em 1922. Demonstrarei como os “homens de cor” se valeram do futebol para conferir visibilidade às suas habilidades e competências no terreno desportivo. Para além de uma atividade lúdica, o futebol assumia significados cívicos, sociais e políticos. É tanto que chegou a ser chamado de o “esporte da raça” (*O Clarim d’Alvorada*, 20/07/1931, p. 3), na medida em que valorizava e positivava a presença do negro na sociedade brasileira.

¹ Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Federal de Sergipe.

² A expressão *imprensa negra* é uma referência aos jornais e revistas fundados, editados e redigidos por “pessoas de cor”, que vieram a lume em São Paulo no contexto pós-abolição. Sobre a *imprensa negra*, ver Bastide (1951), Ferrara (1986), Gomes (2005), Pires (2006) e Domingues (2008, p. 19-58).

O pontapé inicial

O mito fundador do futebol no Brasil atribui a jovem paulistano Charles Miller, filho de um escocês aqui radicado, a introdução do esporte que se tornaria paixão nacional. Enviado para a Inglaterra para completar seus estudos, Miller regressou em 1894 trazendo na bagagem duas bolas de couro, uma bomba de ar para enchê-las, um par de chuteiras, dois uniformes, um livro de regras do *association football* e o ideal quase missionário de desenvolver o esporte bretão no país. A princípio, divulgou as técnicas e táticas do *football* entre seus amigos do clube da “colônia” inglesa do qual fazia parte, o *São Paulo Athletic Club* (fundado em 1888), e promoveu treinos na várzea do Carmo, na zona central da cidade de São Paulo, onde atraiu praticantes do novo jogo. O primeiro *match* oficial foi disputado com times improvisados. No dia 14 de abril de 1895, o *The Gas Works Team* venceu o *The São Paulo Railway Team* por 4 gols a 2. Veio à baila assim, com o pontapé inicial dado por *sportsmen* ingleses e brasileiros da elite, a história do futebol no Brasil (Mazzoni, 1950; Silveira, 1955; Rosenfeld, 1993; Pereira, 2000; Franzini, 2003; Campos e Alfonsi, 2014). Entre 1898 e 1902, foram fundados a Associação Atlética Mackenzie, o Sport Club Germânia, o Club Atlético Paulistano, a Associação Atlética das Palmeiras, que mantinham *teams* com imigrantes e representantes de tradicionais famílias da cidade de São Paulo. O futebol convertia-se num novo símbolo de distinção da modernidade europeia que não podia faltar aos anseios de atualização da elite paulista e que devia “por isso ser praticado por pessoas de igual condição social e racial” (Franco Jr., 2007, p. 63). Os jovens grã-finos não se misturavam aos mais pobres, e os brancos, aos negros. As marcas expostas do mundo do cativo – entre antigos senhores e descendentes de escravos – ainda sobreviviam na sociedade caracterizada pelas assimetrias no campo dos direitos e da cidadania.

Isso não impediu, contudo, que o futebol ganhasse novos adeptos e se expandisse por vários rincões, tendo sido apropriado pelos diversos setores sociais que o popularizaram no primeiro quartel do século XX (Gambeta, 2014). Jogando com bolas e equipamentos improvisados, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização, os grupos subalternos se multiplicaram na prática do esporte, de sorte que uma série de equipes e clubes se formou por iniciativa de imigrantes e nacionais, brancos e negros, setores abastados e operários, enfim, por iniciativa de diversos segmentos sociais. O futebol tornava-se uma “febre” e adquiria, ano a ano, mais importância na

vida cultural de São Paulo, suplantando qualquer outra modalidade desportiva (Silva, 1956). O público fiel a ele aumentava, assim como o número de jogadores. Em 1914, existiam no Estado cerca de 2 mil clubes voltados ao futebol e, no ano seguinte, o jornal *O Estado de S. Paulo* anunciava, num domingo, 47 jogos envolvendo 94 clubes, 188 times e 1.068 jogadores (Negreiros, 1992, p. 51). Esses números sinalizam que o esporte passou por um processo contraditório de democratização, tal como acontecera na Inglaterra. Por um lado, a “elite tentou resguardar o privilégio de praticar o futebol, fundamentalmente, como atividade de lazer”. Por outro lado, os grupos subalternos adotaram o esporte bretão “como um novo valor cultural” (Antunes, 1992, p. 12). Nesse processo, ele deixou de se restringir a uma mera modalidade de diversão e adquiriu novos significados.

No dia 1 de novembro de 1917, um punhado de “homens de cor” (Silvério Pereira, Rufino dos Santos, Felisbino Barbosa, Horácio da Cunha, Benedito Costa e Benedito Prestes) se reuniu na capital paulista e fundou a Associação Atlética São Geraldo, uma agremiação cuja finalidade basilar era promover a prática tanto do futebol quanto do atletismo (*Progresso*, 23/06/1928, p. 5; *A Voz da Raça*, 25/03/1933, p. 2). Não obstante, ao longo do tempo, seus investimentos maiores concentraram-se no esporte bretão. Como já assinalamos, o time do São Geraldo era composto por atletas negros. Sua criação foi uma resposta à “linha de cor” que vicejava dentro e fora dos gramados na época. As grandes agremiações do futebol paulista – como o Club Atlético Paulistano, a Associação Atlética das Palmeiras e o Sport Club Corinthians Paulista (instituído em 1910) – dificultavam ou restringiam a presença de atletas “pretos” e “mulatos” (Leite, 1992, p. 26). Alguns dirigentes acreditavam na inferioridade congênita do “jogador de cor, inadaptável à técnica e à ciência do futebol clássico” (Mazzoni, 1968, p. 159). Mesmo quando incorporado à equipe de futebol, os grandes clubes lhe vetavam a participação nas suas atividades sociais – como festas e bailes.³

A criação do São Geraldo não se revestiu tão somente de um caráter reativo. Sua articulação igualmente se inseriu na rede de *associativismo negro* que, a partir do início do século XX, floresceu na terra dos bandeirantes. Eram dezenas de associações voltadas para fomentar as atividades recreativas, culturais, políticas e sociais dos autodenominados “homens de cor”. Os tipos de eventos por elas promovidos, bem como as atividades a que se dedicavam, mostram que as suas finalidades eram bastante diferentes. Tais finalidades apareciam no próprio nome das

³ Sobre a presença do negro e da “raça” na formação do futebol brasileiro, consultar Rodrigues Filho (1964), Gordon Jr. (1995, 1996), Jesus (1999), Lopes (2004) e Santos (2008). Para uma literatura internacional a respeito desse campo temático, ver Hylton (2009), Brooks e Blackman (2011) e Burdsey (2011).

associações ou nos vocábulos que os adjetivavam (“dançantes”; “recreativas, dançantes”; “dramático recreativas”; “dramático recreativa e literária”; “dramático recreativa literária e beneficente”; “beneficente e humanitária, recreativas e esportivas”, ou exclusivamente “esportivas”). Apesar das diferenças existentes entre elas, as associações confluíam para o desenvolvimento de uma identidade específica – de um nós, negros, em oposição a eles, os brancos –, sendo, portanto, fundamental para a formação e desenvolvimento da experiência racial do grupo (Pinto, 2013, p. 80-81; Butler, 1998; Andrews, 1998; Trindade, 2004; Seigel, 2009).

O São Geraldo surgiu na Barra Funda, bairro que aglutinava um importante segmento da “população de cor”, oriunda sobretudo de pequenas cidades do interior do estado. A migração dessa população para a metrópole paulistana relacionava-se com a procura de emprego e melhores condições de vida no pós-abolição. Na Barra Funda, foram construídos, além da estação ferroviária, grandes armazéns para estocar especialmente o café. Os homens negros constituíam a mão de obra básica, realizando as tarefas mais penosas de carregamento e descarregamento de mercadorias, seja nesses armazéns, seja naqueles situados no porto de Santos, para onde se deslocavam sempre que escasseava o trabalho em São Paulo. Já as mulheres prestavam serviços como domésticas nas casas das famílias ricas da cidade. No tempo livre, estratos da “população de cor” realizavam batuques em torno dos botequins da Alameda Glette, rodas de samba, jogos de pernada, umbigada e tiririca (espécie de capoeira) no Largo da Banana e comemoravam os dias de Momo por meio dos Grupo Barra Funda, Campos Elísios e Flor da Mocidade – os primeiros cordões carnavalescos de São Paulo. Assim, não é de estranhar que a Barra Funda já tenha sido identificada como um dos “territórios negros” da cidade nas primeiras décadas do século XX (Rolnik, 1989).

Na parte alta do bairro, próximo ao Bom Retiro, havia vários terrenos baldios os quais, à medida que se desencadeou a popularização do futebol, passaram a ser utilizados para a prática do esporte. Num desses terrenos, no fim da Rua Tupi, localizava-se o primeiro campo do São Geraldo (*A Voz da Raça*, 25/03/1933, p. 2). De acordo com Iêda Marques Brito, o clube foi erigido pelos “negros da Glette”, um grupo de negros que se encontravam na Alameda Glette, próximo à linha férrea. Não contavam com habilidades artesanais que pudessem favorecer-lhes profissionalmente, nem dominavam um ofício, razão pela qual trabalhavam como carregadores e ensacadores. Por vezes viviam à margem da ordem social vigente. Eram res-

peitados pela sua força física, daí terem recebido a alcunha de “valentes da Barra Funda” (Britto, 1986, p. 100-101). Todavia, as informações fragmentadas disponíveis não permitem tecer detalhes acerca da origem do São Geraldo. O certo é que a agremiação lavrou seus estatutos em cartório e estabeleceu uma estrutura de funcionamento alicerçada em várias instâncias, tais como diretoria, corpo de associados e programa de atividades. Sua sede foi instalada na Rua Barra Funda, mais tarde transferida para a Rua Florêncio de Abreu. Aos poucos seu time de futebol, cujo uniforme ostentava as cores preto e branco, foi se estruturando até se filiar à Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) – a entidade esportiva encarregada de organizar o futebol no Estado – e disputar o campeonato da chamada Divisão Municipal,⁴ a qual reunia uma série de clubes de várzea.

O São Geraldo ganhou destaque no meio negro, sobretudo pela qualidade de seus jogadores. Zelão, Tita, Africano, Filipão, Olavo, Caçaróia, Pé, Buiú, Alfredo, Goiabada, Bizerrão, Caetano, Vaca Braba, Bode, Hilário foram alguns dos jogadores que vestiram a camisa do clube e protagonizaram, na “zona Pacaembu, jogos de escol” (*A Voz da Raça*, 25/03/1933, p. 2). Também tiveram passagem pelo “alvinegro” da Barra Funda o “valoroso” defensor Carlos Campos (*O Clarim*, 17/07/1927, p. 1; *Cultura: Revista da Mocidade Negra*, abr.-maio 1934), o “famoso beque” Sarará (Britto, 1986, p. 100), o atacante Ditinho – considerado um dos craques do time – e o “meia esquerda” Paulo, que “tem feito, nos nossos meios esportivos, uma figura brilhante” (*Progresso*, 26/09/1929, p. 7). Praticar o futebol naquela época era algo dispendioso. Parte do material (bola, meias, calções, luvas, joelheiras, tornozeliras) era importada (Caldas, 1990, p. 122-123). Não se sabe exatamente os meios com os quais o São Geraldo arcava com as despesas da equipe. É bem plausível que a sua principal fonte de recursos derivava das mensalidades dos sócios. Outras fontes de renda provinham de donativos e da arrecadação das festas e bailes. “Revestiu-se de grande brilhantismo o festival dançante que A.A. São Geraldo fez realizar no sábado p.p. no salão Modelo à Rua da Consolação, 27, dedicado aos seus associados e suas famílias”, noticiou a revista *Cultura* (*Progresso*, 22/07/1928, p. 3; *Cultura: Revista da Mocidade Negra*, jan. 1934). Anos mais tarde, Dionísio Barbosa – o fundador e principal dirigente do cordão carnavalesco Camisa Verde – informou que cedia o salão da agremiação ao São Geraldo, para que este realizasse bailes “pra arrumá dinheiro, pra comprá camisa”, e os jogadores do São Geraldo, por sua vez, retribuíaam fazendo a proteção dos bailes do Camisa Verde.⁵

⁴ Os clubes filiados à APEA dividiam-se nas seguintes categorias: Divisão Principal, Primeira Divisão, Segunda Divisão, Divisão Municipal e, posteriormente, Campeonato do Interior.

⁵ Depoimento de Dionísio Barbosa ao Museu da Imagem e do Som (MIS) em São Paulo, em 1976. Filho de um ex-escravo, Barbosa nasceu na cidade de Itirapina (SP), em 1891, e foi o fundador do primeiro cordão carnavalesco da capital paulista. Faleceu em 1977.

O “campeão do Centenário”

É bom salientar que o São Geraldo não era a única associação atlética do gênero. O Sul Africano Football Club, o 28 de Setembro Futebol Clube, a Associação Atlética Sul-América, o Áurea Futebol Clube, o Esporte Clube Onze Gallos Pretos, o União Futebol Club, o Grêmio Barra Funda, o Club dos Cravos Vermelhos, os Marujos Paulistas, o Club Atlético Brasil, o Caveiras de Ouro, o Centro Esportivo Flor da Penha, o Vitória Paulista também constituíam agremiações de negros devotadas à prática desportiva, porém nenhuma delas adquiriu a projeção do São Geraldo. Não é para menos. Ao longo de sua trajetória, o “alvinegro” da Barra Funda colecionou resultados positivos dentro dos gramados, sendo o principal deles a conquista da Copa do Centenário da Independência do Brasil – nome dado ao campeonato paulista de 1922 –, evento que fez parte das comemorações alusivas aos cem anos da emancipação política da nação.⁶ Tratou-se de uma competição bastante disputada, que despertou a atenção do crescente número de fãs do futebol. Ao final do certame, o São Geraldo consagrou-se campeão da Divisão Municipal.

Anos mais tarde, Deocleciano Nascimento relatou – detalhadamente e com emoção – como transcorreu a partida daquela *grand finale*. O São Geraldo, clube constituído “somente de elementos de cor”, enfrentou o Flor do Belém, time “formado por brancos” e considerado favorito ao ambicionado título. A decisão do campeonato do Centenário se deu no Estádio da Floresta, num domingo de Páscoa. Deocleciano era um “dos membros da diretoria” do clube da Barra Funda. Conta que, pela manhã, fez “alguns dos elementos sangeraldenses” verem a “grande responsabilidade que iam assumir dali a algumas horas. Em cada rosto, em cada fisionomia, notava-se um ar de esperança”, pois o desânimo não se abateu sobre os componentes do “quadro dos jovens pretos”. No primeiro tempo da partida, estes “produziram pouco, ou quase nada”. O adversário então marcou um gol e, instantes depois de abrir o placar, fez o segundo gol de vantagem, de modo que seus “torcedores já o aclamavam campeão”. Mas, como diz o provérbio, “é melhor quem ri por último”. No segundo tempo, operou-se uma reviravolta surpreendente. “Diante da formidável pressão dos negros”, o Flor do Belém cedeu “os pontos conquistados e mais um”, sendo derrotado pelo placar de três tentos a dois. “Oh!... Meu Deus! Que alegria descrevo estas linhas!...”, exclamava Deocleciano em tom saudosista no ano de 1934:

Sinto, em mim, tamanha comoção... parece-me que estou ouvindo os gritos de entra!... central!... não durmal!... é sua!... E depois aquela vozeria que se elevára, demoradamente nos ares: gôôôô! Gôôôô! E em triunfo, ‘os onze’, saírem carregados do campo, levando para o São Geraldo o cetro de Campeão Municipal do Centenário (A Voz da Raça, 28/04/1934, p. 4).

Com a conquista do título, o “alvinegro” da Barra Funda tornou-se mais conhecido em São Paulo, especialmente no meio negro, legitimando-se como o principal time de futebol do gênero. De acordo com o *Progresso*, não foi a partir daquele instante que o São Geraldo compreendeu seu papel no mundo esportivo. De longa data os jogadores vinham “apurando a sua *performance*”. E “mercidamente levantaram o título de campeão do Centenário”, feito que souberam guardar com “usura”. Afinal, colocou a agremiação na “dianteira de suas congêneres”. Instrumentalizando um discurso racial, o jornal da *imprensa negra* frisava que a “Associação Atlética São Geraldo é uma das agremiações de homens pretos que, no esporte, tem sabido não só na capital, como em todo o Estado, honrar sobremaneira o nome do negro brasileiro” (*Progresso*, 26/09/1929, p. 7). Por essa perspectiva, o “alvinegro” da Barra Funda representava, antes, um símbolo da *raça*. Sua conquista da “taça” do Centenário foi, realmente, vista pelos afro-paulistas como uma grande proeza, que os enchia de orgulho racial, daí ter sido lembrada e relembrada diversas vezes pelos seus órgãos de comunicação.

Em junho de 1928, o *Progresso* noticiava que o “conhecido campeão do Centenário” destacava-se na “vanguarda dos clubes de sua categoria. Em cada luta em que se empenha aquela associação, numerosa é a assistência, que vai levar-lhe o apoio de sua torcida” (*Progresso*, 23/06/1928, p. 5). Cerca de um ano depois, o periódico voltava a se reportar aos seus leitores: “Na história das festas, com que se comemorou, esportivamente, os 100 anos de nossa emancipação política, o clube que bem representa os pretos da capital e do Estado de S. Paulo, ocupa capítulo à parte. De um modo que nos honra sobremaneira, o S. Geraldo conquistou o disputado título de Campeão do Centenário. Deus, parece, que escolheu a camisa alvinegra, para dar-lhes essa honrosa designação, evidenciando, deste modo, o quanto a nós, pretos, o Brasil deve a sua Independência” (*Progresso*, 28/07/1929, p. 5). Para muitos afro-paulistas, o triunfo do São Geraldo em 1922 assumia um significado que ia além do desportivo. Servia para conferir centralidade e visibilidade ao negro, positivando a sua imagem pública e lhe possibilitando atestar o seu valor

⁶ Sobre as comemorações desportivas no centenário da independência do Brasil, em 1922, ver Melo e Santos (2012).

não somente para a afirmação do futebol, mas também do Brasil. Denotando um sentido cívico-político, o esporte bretão era, neste caso, apropriado para celebrar a “raça” e a “nação”, combinadamente.

Além de disputar o campeonato da APEA, o São Geraldo costumava jogar contra os clubes dos “homens de cor”. Os contatos entre os sujeitos do chamado meio negro eram proativos e constantes. Bastava a existência no bairro de um time de futebol para que a interação entre eles se desenvolvesse, em diversas latitudes. Um dos grandes rivais do São Geraldo localizava-se justamente no mesmo bairro. Era o time de futebol do Grêmio Barra Funda, com o qual disputou partidas memoráveis (Silva, 1998). Em abril de 1926, o Grêmio Recreativo Nem que Chova abriu as inscrições de um “festival esportivo”, planejando reunir dez times de futebol do meio negro no campo do Paulista de Aníagens, situado na Rua Glicério. Como premiação, previa-se distribuir “duas ricas taças” (*O Clarim*, 25/04/1926, p. 4). O “festival” ocorreu no dia 9 de maio daquele ano e, ao que parece, contou com a participação do São Geraldo (*O Clarim*, 20/06/1926, p. 3). Já no ano de 1932, a “pujante esquadra do São Geraldo suspendeu a linda Taça Clarim d’Alvorada, troféu máximo de campeão [...] entre as agremiações esportivas da raça negra, que militam na capital” (*O Clarim d’Alvorada*, 31/01/1932, p. 3).

Os intercâmbios do “alvinegro” da Barra Funda também ocorreram com os clubes do interior paulista. Em agosto de 1929, sua equipe viajou até a cidade de Campinas, para enfrentar a Ponte Preta. O prélio, ainda que amistoso, se viu cercado de expectativas. “Perante grande assistência”, noticiou o *Progresso*, “foi disputada no dia 11 do corrente, em Campinas, uma partida amistosa de futebol entre as turmas da A. A. São Geraldo e a respectiva da A.A. Ponte Preta”. A partida teria transcorrido muito movimentada e terminou com a vitória da Ponte Preta, pela contagem de 4 x 2, “sendo que o São Geraldo teve um ponto legítimo anulado, e uma pena máxima, que foi chutada fora. O S. Geraldo foi bastante prejudicado pelo juiz” (*Progresso*, 31/08/1929, p. 5). Por vezes, o “alvinegro” da Barra Funda enfrentou adversários de outros estados, principalmente do Rio de Janeiro, em torneios e jogos amistosos (Silva, 1998).

Em 1925, ocorreu uma crise na organização do futebol paulista, o que levou o Clube Atlético Paulistano a abandonar a APEA e decidir criar a Liga de Amadores de Futebol (LAF). Seu gesto foi acompanhado imediatamente pela Associação Atlética das Palmeiras e pelo Sport Club Germânia. A nova associação nasceu com o propósito de “depurar” o futebol e incrementar a prática do esporte sobre as bases do “mais restrito amadorismo” (Rosenfeld,

1993). Tanto a APEA quanto a LAF reivindicavam para si o direito de representar oficialmente o futebol do Estado de São Paulo. Neste cenário, o São Geraldo aderiu à nova associação, disputando o campeonato da divisão “intermediária”. Convém lembrar que, nessa época, não havia lei de acesso. Os nove times considerados grandes (Club Atlético Paulistano, Sport Club Germânia, Sport Club Corinthians, Associação Atlética das Palmeiras, Britânia Atlético Clube, Clube Atlético Santista, Antártica Futebol Clube, Clube Atlético Independência e Paulista Futebol Clube), que compunham a divisão mais importante da LAF, jogavam entre si e não corriam o risco de rebaixamento. Já o São Geraldo jogava contra os clubes menores, muitos dos quais egressos do futebol de várzea. E mesmo que aí se destacasse, não havia a perspectiva de ascender à divisão principal (Silva, 2013).

“Grandes são as vitórias do São Geraldo, que cioso pelo seu passado”, ressaltou o *Progresso*, “tem se empenhado em pugnas sérias, valendo-lhe lugar invejável na LAF. Na última luta em que se empenhou com o São Paulo Railway, levou de vencida o seu valente antagonista” (*Progresso*, 07/09/1928, p. 5). A *imprensa negra* costumava acompanhar o desempenho do São Geraldo no campeonato da LAF e não perdia a oportunidade de repercutir e vibrar com os triunfos do “campeão do Centenário” (*Progresso*, 15/11/1928, p. 2).⁷ Quando, em 1928, este disputou o último jogo da divisão “intermediária” da LAF, no qual enfrentou os quadros principais do União Fluminense F.C., a *imprensa negra* voltou a pautá-lo. O jogo era esperado com “grande interesse, pois sérios rivais e bem colocados na tabela do campeonato iam pela segunda vez no ano medir forças”. Ao Fluminense bastava um empate e ao São Geraldo uma vitória para ficar empatado com o rival na primeira colocação. Muitos “torcedores da forte falange negra estiveram presentes” no evento, no entanto, os “azares da sorte” impediram que eles saíssem de lá “jubilosos”, afinal, o “alvinegro” da Barra Funda se viu derrotado. “Foi uma pena”, assinalou o *Progresso*, mas nada de arrefecer os ânimos. “O campeão do Centenário é digno, ainda, pelos esforços de seus componentes daquele título. [...] O São Geraldo, estamos convictos, não se desanimará por isso. Apurará ainda mais o seu conjunto, e depois... mãos à obra, isto é, firme na liça, em guarda no campo. Confiante no destino” (*Progresso*, 13/01/1929, p. 6).

Se no campeonato de 1928 o “alvinegro” da Barra Funda se viu descambado pelos “azares da sorte”, no do ano seguinte a situação se alterou. Segundo *O Clarim d’Alvorada*, o São Geraldo fechou a competição de 1929 de “um modo brilhante e digno de todos os encômios”. Basta dizer que, no decorrer do ano, seu “quadro” não

⁷ Consultar também Soares e Abrahão (2012).

sentiu o gosto da derrota; os “jogadores não sofreram a menor pena ou censura, em se tratando de disciplina. E isto, para nós, é motivo de júbilo, pois o S. Geraldo é uma associação essencialmente de nossa classe”, afirmou o jornal da *imprensa negra*. O rendimento da equipe em campo teria surpreendido a todos. Durante todos os jogos, “apenas uma meta vazou o gol São Geraldense”; no mais, “tudo foi levado de vencida, portanto, esse campeonato foi um ano de orgulho para os esportistas negros desta capital, e a diretoria que conduziu o invicto S. Geraldo, no ano findo, está de parabéns, pela conquista deste alto troféu que irá enriquecer a sede deste nosso acatado grêmio esportivo”, finalizou a reportagem d’*O Clarim d’Alvorada* (*O Clarim d’Alvorada*, 25/01/1930, p. 2).

Aquela foi a última vez que o “alvinegro” da Barra Funda disputou o campeonato da LAF, a entidade que, desde a sua criação, mostrava-se favorável à permanência do amadorismo. Tudo levava a crer que a LAF iria substituir a APEA como legítima representante do futebol de São Paulo, mas não foi isso que ocorreu. A despeito de seu dinamismo na fase inicial, a entidade dissidente não conseguiu se consolidar no meio futebolístico. Lentamente, os times foram abandonando-a e regressando à APEA. Foi o caso do Sport Club Corinthians, que ajudou a erguê-la em 1925, e retornou à APEA em 1927, tendo nela participado de apenas um campeonato. Ao todo, a LAF organizou três campeonatos paulistas, extinguindo-se em 1929. O insucesso da entidade deveu-se basicamente à sua insistência em manter o futebol amador – condição na qual os jogadores ficavam desprovidos de salário, vínculo formal e não conseguiam viver exclusivamente do futebol, tendo que exercer outras ocupações para garantir o seu sustento –, numa época em que os clubes cada vez mais se profissionalizavam. Enquanto isso, a APEA, que na teoria preconizava o amadorismo, na prática deixava que clubes e jogadores experimentassem o profissionalismo. Waldenyr Caldas argumenta que poucos jogadores queriam continuar nos times da LAF, uma vez que só ganhavam o material de jogo (calção, camisa, meias, toucas e chuteira) para entrar em campo, ao passo que, nos times da APEA, eles poderiam receber um salário paralelo à sua eventual atividade profissional fora do futebol. Não tardou para que os melhores jogadores da entidade dissidente comessem a se transferir para as equipes da APEA. Os que lá permaneceram, com raras exceções, “não desejavam mesmo se profissionalizar como futebolistas. Desse modo, a LAF não poderia mesmo ter vida longa”. Em São Paulo, mais do que em qualquer outro lugar do país, o profissionalismo no futebol “avançava de forma irreversível” (Caldas, 1990, p. 129).

Foi neste contexto que o São Geraldo elegeu uma nova diretoria e voltou a se afiliar à APEA, participando de suas competições. Em 1933, a revista *Evolução* – cujo subtítulo era bem sugestivo: “revista dos homens pretos de São Paulo” – reportava-se ao passado da “dedicada e sempre estimada associação” da Barra Funda, um passado que consistia numa “página cheia de glórias para o engrandecimento do progresso da nossa raça no esporte predileto do momento, o futebol. Desta Associação têm saído grandes astros”. Se o concurso de todos os elementos negros fosse uma realidade, “ela seria na atualidade uma grande demonstração de força da nossa raça. Porém, os seus dirigentes não se cansam de lutar. Esta sociedade nossa está filiada à Apea, fazendo parte da sua 2ª. divisão” (*Evolução: Revista dos Homens Pretos de São Paulo*, 13/05/1933, p. 14). Como se percebe, o São Geraldo continuava sendo celebrado pelos porta-vozes da “comunidade negra”. Mais do que um mero time de futebol, ele era visto como uma referência cívica, um patrimônio-símbolo do aperfeiçoamento da raça. Para além de um passado cheio de “glórias”, seus êxitos remeteriam às potencialidades, ao poder de realização e à capacidade de superação do negro na sociedade brasileira. Mas, naquela altura, o clube da Barra Funda já não era o mesmo. Pouco a pouco entrou em crise, enfrentou tensões internas e se desarticulou coletivamente. Sem resultados expressivos dentro de campo, restava viver de um discurso saudosista. Não é possível assegurar, ainda, quando o time encerrou as suas atividades, mas parece que foi na primeira metade da década de 1940 (*Correio de São Paulo*, 30/04/1941, p. 9; 08/06/1941, p. 18; 03/07/1941, p. 11; 17/07/1941, p. 10; 24/07/1941, p. 11; 10/08/1941, p. 20; 20/08/1941, p. 9).⁸ Também não é possível asseverar as razões internas que levaram a isso. Quanto às externas, tudo indica que o desmonte do São Geraldo esteve relacionado ao novo contexto social e cultural. Com a consolidação do futebol como esporte de massa e sua definitiva profissionalização, o que implicou um aumento na competitividade entre os grandes clubes, perderam terreno as linhas de cor e de classe social que imperavam no meio (Levine, 1980; *Evolução: Revista dos Homens Pretos de São Paulo*, 13/05/1933, p. 8). Contribuiu para esse processo o crescente descrédito nas ideias do racismo científico e a ressignificação, para não dizer positivação, do papel da mestiçagem no imaginário nacional (Borges, 1993; Schwarcz, 1993; Ventura, 2000). Talvez mais importante que a condição de “preto”, “mulato” ou pobre de cada jogador seria a vitória do time. Conforme revelou *A Voz da Raça* em julho de 1933, “os principais clubs de futebol aos poucos iam reformando seus estatutos e entre cláusulas abolidas figurava sempre

⁸ Pelo menos na grande imprensa, as últimas notícias a respeito do São Geraldo que coligimos são do ano de 1941. “Sub-Liga de Esportes Marechal Deodoro”.

a que proibia a entrada de homens de cor”. Para o veículo de comunicação “oficial da Frente Negra Brasileira”, o jogador símbolo do “ingresso do negro nos altos cenários” do futebol foi Mateus Marcondes. O “ másculo” atleta do Clube Espéria teria sido a última “figura a aparecer vitoriosamente em nossos esportes, vencendo e convencendo aos paredros do futebol bandeirante [...]” (*A Voz da Raça*, 08/07/1933, p. 4).⁹

Muitos clubes da primeira divisão do futebol paulista passaram a “recrutar” jogadores negros na década de 1930. Isto não significa que tenham cessado as denúncias de que tais jogadores, embora elevassem o nome das agremiações desportivas, eram aceitos apenas como atletas e não como sócios (*O Clarim d’Alvorada*, 26/07/1931, p. 3).¹⁰ Seja como for, emergiu um fenômeno novo: alguns dos melhores jogadores *colored* migraram para os grandes clubes (Andrews, 1998, p. 222). Bianco, o famoso “gorrinho encarnado” do Sul-América, transferiu-se para a Associação Atlética das Palmeiras (*A Voz da Raça*, 08/07/1933, p. 4). Talvez o caso mais emblemático tenha sido Petronilho de Brito, um típico jogador da várzea paulistana que, na concepção de Thomaz Mazzoni, trouxe pioneiramente para o “futebol dos grandes clubes o verdadeiro futebol da raça negra” (Mazzoni, 1968, p. 159). Do próprio São Geraldo saíram “grandes astros” (*Evolução: Revista dos Homens Pretos de São Paulo*, 13/05/1933, p. 14), alguns dos quais teriam ido parar no Sport Club Corinthians, pelo menos é o que Seu Zezindo da Casa Verde, um ex-jogador da equipe, afirma:

Na Barra Funda jogava aqui no São Geraldo. Negro não passava [para a primeira divisão do campeonato]. Então nós desafiemo tudo quanto era time de São Paulo. Tudo, Paulistano, nós desafiava todo mundo. Ninguém queria jogá com nós. Sabe quem foi que um dia descobriu o São Geraldo? O Corinthians, o Corinthians começou a passá a mão nos negro devagarinho, tirô um, tirô outro, tirou um, tirou outro e destruiu o São Geraldo. Mas o São Geraldo era prá sê um time de primeira categoria. No, no campeonato era...¹¹

Os *colored* que permaneceram em seus times de origem, com raras exceções, não tinham a intenção de se profissionalizar como jogador de futebol. Assim, os times dos “homens de cor” se viram sem seus “craques”, passaram

a enfrentar dificuldades para se manter e, de certo modo, perderam parte da coesão e do sentido de sua existência. Prosseguiram atuando no futebol amador de várzea, sem, contudo, perspectivas de vida longa.

No que concerne ao São Geraldo, continuou a ser evocado no meio negro como o campeão do Centenário. Dada a importância do acontecimento, devia ser celebrado, rememorado e transmitido de geração para geração, para não cair no esquecimento. Em 1948, ao recordar os “maiores feitos do futebol brasileiro”, a folha *Mundo Esportivo* mencionou o título do São Geraldo de campeão do Centenário da “Divisão Municipal” (*Mundo Esportivo*, 16/01/1948, p. 14). A esse respeito, *O Clarim d’Alvorada* já tinha sido bem incisivo em sua edição de 26 de julho de 1931: “o São Geraldo é um clube que honra a coletividade negra no futebol paulista” (*O Clarim d’Alvorada*, 26/07/1931, p. 3). Eis uma opinião compartilhada por Dionísio Barbosa, que, em depoimento prestado ao Museu da Imagem e do Som em 1976, referiu-se às supostas virtudes do “alvinegro” da Barra Funda.¹² Para muitas “pessoas de cor”, o São Geraldo era uma fonte de orgulho racial. Na prática desportiva, constituía uma espécie de sismógrafo do quanto o negro era perseverante, dotado de disciplina e qualidades físicas, aliadas à inteligência e competência para alcançar os pináculos da vitória e se impor perante os desafios da vida (e da nação), colocando em xeque a ideologia de sua inferioridade racial.

Referências

- ALBERTO, P.L. 2011. *Terms of inclusion: black intellectuals in twentieth-century Brazil*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 396 p. http://dx.doi.org/10.5149/9780807877715_alberto
- ANDREWS, G.R. 1998. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru, EDUSC, 443 p.
- ANTUNES, F.M.R.F. 1992. *Futebol de fábrica em São Paulo*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 190 p.
- BASTIDE, R. 1951. A imprensa negra do Estado de São Paulo. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Sociologia*, CXXI(2):50-78.
- BORGES, D. 1993. ‘Puffy, ugly, slothful, and inert’: degeneration in Brazilian social thought, 1880-1940. *Journal of Latin American Studies*, 25(2):235-256. <http://dx.doi.org/10.1017/S0022216X00004636>
- BRITTO, I.M. 1986. *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural*. São Paulo, FFLCH-USP, 114 p. (Antropologia, 14).

⁹ Sobre a história da Frente Negra Brasileira, consultar Mitchell (1977), Taylor (1978), Domingues (2005), Alberto (2011).

¹⁰ Como argumenta Anatol Rosenfeld, “sob a pressão da concorrência, na forma de severas disputas esportivas, a ascensão dos homens de cor para a ‘primeira divisão’ tornou-se inevitável – um fato que gerou muitos conflitos psicológicos, pois o que valia no jogo não podia impor-se tão rapidamente na vida. [...] Contudo, nas dependências internas de clubes grã-finos, quando quer que ultrapasse a soleira, ele, vestido com solenidade, sentia-se marginalizado por mais que, em alguns casos, até diretores do clube se esforçassem no sentido de sua integração social” (Rosenfeld, 1993, p. 87).

¹¹ Depoimento de Zezindo da Casa Verde (pseudônimo de José Narciso Nazareth) ao Museu da Imagem e do Som (MIS) em São Paulo, em 1978. Seu Zezindo nasceu na capital paulista em 1911 e foi agente atuante no samba, na formação dos cordões carnavalescos, nas festas populares e no futebol de várzea. Faleceu em 1988.

¹² Depoimento de Dionísio Barbosa ao Museu da Imagem e do Som (MIS) em São Paulo, em 1976.

- BROOKS, S.N.; BLACKMAN, D. 2011. Introduction: African American and the history of Sport – new perspectives. *The Journal of African American History*, 96(4):441-447. <http://dx.doi.org/10.5323/jafriamerhist.96.4.0441>
- BURDSEY, D. (org.). 2011. *Race, ethnicity and football: persisting debates and emergent issues*. London/New York, Routledge, 281 p.
- BUTLER, K.D. 1998. *Freedoms given, freedoms won: Afro-Brazilians in post-abolition São Paulo and Salvador*. New Brunswick, Rutgers University Press, 285 p.
- CALDAS, W. 1990. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo, IBRASA, 234 p.
- CAMPOS, F.; ALFONSI, D. (orgs.). 2014. *Futebol: objeto das ciências humanas*. São Paulo, Leya, 384 p.
- DOMINGUES, P. 2005. *A insurgência de ébano: a história da Frente Negra Brasileira*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 342 p.
- DOMINGUES, P. 2008. *A nova abolição*. São Paulo, Selo Negro, 182 p.
- FERRARA, M.N. 1986. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo, Ed. FFLCH-USP, 279 p. (Série Antropologia, 13).
- FRANCO Jr., H. 2007. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo, Companhia das Letras, 472 p.
- FRANZINI, F. 2003. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro, DP&A, 95 p.
- GAMBETA, W.R. 2014. *A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916)*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 408 p.
- GOMES, F. 2005. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 92 p.
- GORDON Jr., C. 1995. História social dos negros no futebol brasileiro: primeiro tempo. *Pesquisa de Campo*, 2:71-90.
- GORDON Jr., C. 1996. História social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. *Pesquisa de Campo*, 3-4:65-78.
- HYLTON, K. 2009. *“Race” and sport: critical race theory*. London/New York, Routledge, 149 p.
- JESUS, G.M. de. 1999. O futebol da *canela preta*: o negro e a modernidade em Porto Alegre. *Anos 90*, 11:144-161.
- LEITE, J.C. 1992. ...E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos. Organizado por Cuti. São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura, 301 p.
- LEVINE, R. 1980. Sport and society: the case of Brazilian futebol. *Luso-Brazilian Review*, 17(2):233-252.
- LOPES, J.S.L. 2004. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: C.H.M. BATALHA; F.T. da SILVA; A. FORTES (orgs.), *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, Ed. Unicamp, p. 121-163.
- MAZZONI, T. 1950. *História do futebol no Brasil*. São Paulo, Ed. Leia, 351 p.
- MAZZONI, T. 1968. Futebol pioneiro e bandeirante. In: M. PEDROSA (org.), *O olho na bola*. Rio de Janeiro, Editora Gol, p. 155-160.
- MELO, V.A.; SANTOS, J.M.C.M. 2012. *1922: comemorações esportivas do centenário*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 184 p.
- MITCHELL, M. 1977. *Racial consciousness and the political attitudes and behavior of blacks in São Paulo, Brazil*. Bloomington, EUA. Tese de Doutorado. Universidade de Indiana, 319 p.
- NEGREIROS, P.J.L.C. 1992. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians e o futebol oficial de São Paulo (1910-1916)*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 122 p.
- PEREIRA, L.A.M. 2000. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 376 p.
- PINTO, R.P. 2013. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Ponta Grossa/ São Paulo, Editora UEPG/Fundação Carlos Chagas, 440 p.
- PIRES, A.L.C.S. 2006. *As associações de homens de cor e a imprensa negra paulista*. Belo Horizonte, Daliana/MEC/SESU/Secad/Neab/UFT, 149 p.
- RODRIGUES FILHO, M. 1964. *O negro no futebol brasileiro*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 402 p.
- ROLNIK, R. 1989. Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro). *Estudos Afro-Asiáticos*, 17:29-41.
- ROSENFELD, A. 1993. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo, Perspectiva, 112 p.
- SANTOS, R.P. 2008. Futebol e racismo no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 439:131-147.
- SCHWARCZ, L.M. 1993. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 296 p.
- SEIGEL, M. 2009. *Uneven encounters: making race and nation in Brazil and The United States*. Durham, Duke University Press, 408 p.
- SILVA, A.N.M. 1956. *60 anos de futebol em São Paulo*. Santos, A Tribuna, 161 p.
- SILVA, D.M.M. 2013. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 200 p. <http://dx.doi.org/10.11606/d.8.2013.tde-29102013-113153>
- SILVA, J.C.G. 1998. “Negros em São Paulo: espaço público, imagem e cidadania”. In: A.M. de NIEMEYER; E.P. de GODÓI (orgs.), *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas, Mercado Aberto, p. 65-96.
- SILVEIRA, O. 1955. Evolução do futebol – do Velódromo ao Morumbi. In: *Sessenta anos de futebol no Brasil: 1894-1954*. São Paulo, Federação Paulista de Futebol.
- SOARES, A.J.G.; ABRAHÃO, B.O.L. 2012. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26(1):63-76. <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092012000100007>
- TAYLOR, Q. 1978. Frente Negra Brasileira: the Afro-Brazilian civil rights movement, 1924-1937. *Umoja: A Scholarly Journal of Black Studies*, 2(1):25-40.
- TRINDADE, L.S. 2004. O negro em São Paulo no período pós-abolicionista. In: P. PORTA (org.), *História da cidade de São Paulo: a cidade de São Paulo na primeira metade do século XX (1890-1954)*. São Paulo, Paz e Terra, vol. 3, p. 101-119.
- VENTURA, R. 2000. Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república. In: C.G. MOTA, *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias*. 2ª ed., São Paulo, Editora SENAC, p. 329-359.

Fontes primárias

- A Voz da Raça*. São Paulo, 25/03/1933, p. 2.
- A Voz da Raça*. São Paulo, 08/07/1933, p. 4.
- A Voz da Raça*. São Paulo, 28/04/1934, p. 4.
- Correio de São Paulo*. São Paulo, 30/04/1941, p. 9.
- Correio de São Paulo*. São Paulo, 08/06/1941, p. 18.
- Correio de São Paulo*. São Paulo, 03/07/1941, p. 11.

Correio de São Paulo. São Paulo, 17/07/1941, p. 10.
Correio de São Paulo. São Paulo, 24/07/1941, p. 11.
Correio de São Paulo. São Paulo, 10/08/1941, p. 20.
Correio de São Paulo. São Paulo, 20/08/1941, p. 9.
Cultura: Revista da Mocidade Negra. São Paulo, abril-maio de 1934.
Cultura: Revista da Mocidade Negra. São Paulo, janeiro de 1934.
Evolução: Revista dos Homens Pretos de São Paulo. São Paulo, 13/05/1933,
p. 8, 14.
Mundo Esportivo. São Paulo, 16/01/1948, p. 14.
O Clarim. São Paulo, 25/04/1926, p. 4.
O Clarim. São Paulo, 20/06/1926, p. 3.
O Clarim. São Paulo, 17/07/1927, p. 1.
O Clarim d'Alvorada. São Paulo, 25/01/1930, p. 2.
O Clarim d'Alvorada. São Paulo, 20/07/1931, p. 3.

O Clarim d'Alvorada. São Paulo, 26/07/1931, p. 3.
O Clarim d'Alvorada. São Paulo, 31/01/1932, p. 3.
Progresso. São Paulo, 23/06/1928, p. 5.
Progresso. São Paulo, 22/07/1928, p. 3.
Progresso. São Paulo, 07/09/1928, p. 5.
Progresso. São Paulo, 15/11/1928, p. 2.
Progresso. São Paulo, 13/01/1929, p. 6.
Progresso. São Paulo, 28/07/1929, p. 5.
Progresso. São Paulo, 26/09/1929, p. 7.
Progresso. São Paulo, 31/08/1929, p. 5.

Submetido: 16/04/2015

Aceito: 23/10/2015